

Elementos para uma discussão da obra de Chico de Oliveira (1964 – 1985)

NEYLOR DOS SANTOS FERREIRA □

A obra do sociólogo pernambucano Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira (Recife, 07/11/1934), mais conhecido como “Chico de Oliveira”, é considerada como uma das mais importantes e criativas do marxismo crítico brasileiro. Entretanto, tal obra ainda é relativamente pouco estudada¹, com os diversos títulos concentrando-se ora nas visões panorâmicas genéricas, ora em aspectos parciais, mas ao que parece nunca concentrou esforços suficientes na busca dos fundamentos teóricos e empíricos, da gênese e desenvolvimento concretos que podem nos auxiliar a compreender melhor seu lugar no interior do marxismo brasileiro em particular e no pensamento econômico brasileiro em geral. É aqui que nosso esforço de pesquisa visa avançar.

O objetivo da pesquisa ora em curso é reconstituir a gênese e o desenvolvimento do *sentimento da dialética*² na obra de Francisco de Oliveira enfocando seu período de formação e assimilação do marxismo, base teórica que caracteriza toda sua produção intelectual desde os anos 1970. Depois de suas peregrinações no exílio (Chile, Guatemala, México e passagens rápidas pelo Rio de Janeiro e por Salvador)³ após o golpe civil-militar de 1964 e dos expurgos promovidos na SUDENE, onde trabalhava

¹ Nosso levantamento encontrou os seguinte títulos: i) RIZEK, Cibele e MELO, Wagner Romão de (orgs). *Francisco de Oliveira: a tarefa da crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2006 – uma coletânea de ensaios sobre aspectos da vida e da obra do homenageado; ii) BELLO, Carlos Alberto . A originalidade da economia política de Francisco de Oliveira. *Pesquisa em Debate*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 67-78, 2006; iii) CASTILHO, Eribelto Peres. *Formação Econômica do Brasil no pensamento de Francisco de Oliveira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. PUC-SP: São Paulo, 2008; iv) MORET, Alex Hotz. *A Economia Política Brasileira na obra de Francisco de Oliveira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Economia Política. PUC-SP: São Paulo, 2011; v) MENDES, Flávio da Silva. *O ovo do ornitorrinco: o Brasil pós-1980 na obra de Chico de Oliveira*. Pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp, sob orientação do professor Marcelo Ridenti.

² Expressão emprestada de: ARANTES, Paulo. *Sentimento da Dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

³ As informações arroladas encontram-se em: JINKINGS, Ivana; MAAR, Wolfgang Leo e RIDENTI, Marcelo. Entrevista com Francisco de Oliveira. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*, São Paulo, Boitempo, nº10, novembro/2007, pp.13-37 e em MANTEGA, Guido e REGO, José Márcio. Entrevista com Francisco de Oliveira. *Conversas com Economistas Brasileiros II*. São Paulo: Ed. 34, 1999, pp. 91-117. Também se pode consultar: BARBOSA, Alexandre de Freitas; GERVAISEAU, Henri; GUERRA, Abílio e MOURA, Flávio. Francisco de Oliveira. In: MONTERO, Paula e MOURA, Flávio. *Retrato de Grupo*. 40 anos do Cebrap. São Paulo: Cosac Naify, 2009. pp.142-179.

como superintendente-adjunto ao lado de Celso Furtado⁴, e de prisões e perseguições políticas, Oliveira chega a São Paulo e se integra ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), instituição de pesquisa independente⁵ e cujo núcleo principal era composto por destacados ex-professores da Universidade de São Paulo aposentados compulsoriamente pela ditadura e membros/cultores de uma “experiência intelectual” de extrema importância para as ciências humanas no Brasil por conta de sua proposta de assimilação e leitura do marxismo através do chamado Grupo de Estudos d’ O Capital ou “Seminário Marx”⁶.

Em 1972 a revista *Estudos CEBRAP* publicou o ensaio *Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*⁷. Tratava-se de ousado empreendimento que, em pleno “milagre econômico”, se empenhava em desfazer toda sorte de diagnósticos otimistas sobre as supostas futuras benesses do “crescimento do bolo”. Mais do que isso, a Crítica constituía um grande diferencial em relação às análises sobre a economia (e também a política e a sociedade) nacional realizadas pela maioria da esquerda brasileira.

A derrota do projeto “nacional-popular” encarnado por parcela hegemônica da esquerda brasileira – *pecebistas, isebianos, cepalinos* – durante o chamado período

⁴ Sobre esse período as memórias de Oliveira podem ser consultadas no ensaio “A Noiva da Revolução”, editado em 2008 juntamente a reedição de um importante livro do autor sobre o planejamento regional, a SUDENE e a expansão capitalista brasileira “Elegia para uma Re(li)gião”: OLIVEIRA, Francisco de. *A Noiva da Revolução / Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e conflitos de classe*. São Paulo: Boitempo: 2008. Também pode ser consultado o ensaio “A Navegação Venturosa”, que trata da obra de Celso Furtado, no livro de mesmo nome: OLIVEIRA, Francisco de. *A Navegação Venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo: 2003.

⁵ Sobre as relações entre o CEBRAP e o núcleo de intelectuais marxistas da USP, bem como sobre os nexos da produção intelectual do grupo, conferir: LAHUERTA, Milton. Em busca da formação social brasileira: marxismo e vida acadêmica. *Perspectivas* (São Paulo), v. 28, p. 157-186, 2005 e LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), v. 8, p. 53-95, 2001; SILVA, Luiz Fernando da. *Pensamento Social Brasileiro: marxismo acadêmico entre 1960 e 1980*; SORJ, Bernardo. *A Construção Intelectual do Brasil Contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁶ A bibliografia sobre o tema, a partir dos mais diversos registros teóricos, nuances e discordâncias entre os autores, é relativamente extensa: ARANTES, Paulo. *Sentimento da Dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; _____. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1994; _____. *O Fio da Meada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; FAUSTO, Ruy. Adorno ou Lukács? In: _____. *A Esquerda Difícil*. São Paulo: Perspectiva, 2007; MARTINS, Eder Luiz. *Marxismo e a Universidade no Brasil: Um estudo sobre o “Seminário Marx (1958-1964)”*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia, Unicamp, 2008; RAGO FILHO, Antonio. A filosofia de José Arthur Giannotti: marxismo adstringido e analítica paulista. *Verinotio* (Belo Horizonte), v. 9, p. 107-133, 2008. RODRIGUES, Lidiane Soares. O Capital entre um mestre e um discípulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011; SADER, Emir. Nós que amávamos tanto o Capital. *Praga*, nº1, São Paulo, 1996; SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. *Novos Estudos*, nº50. São Paulo: março, 1998.

⁷ Estudos CEBRAP, nº 2, São Paulo, 1972.

populista (1930-1964), postura intensificada nos anos 1950 e que entra em crise menos de uma década depois, favoreceu um acerto de contas teórico-político com a perspectiva e a estratégia do período anterior, não raro se expressando no processo de fragmentação e multiplicação de organizações independentes ou dissidentes do PCB⁸.

O ensaio de Chico de Oliveira inscreve-se, dessa forma, nos esforços de crítica ao dualismo prevaemente nas análises da esquerda brasileira até 1964, procurando assim reabilitar o material crítico do pensamento marxiano, deformado pelo *esquematismo* do PCB e aceito com reservas pelos cepalinos. Pode-se dizer que, se a obra não constitui o primeiro exemplo de análise dialética e anti-dualista da sociedade brasileira⁹, ela é a primeira análise a colocar nos justos termos o caráter da análise dialética e os problemas que ela se propõe a resolver.

As duas principais obras da Historiografia do Pensamento Econômico Brasileiro, as obras de Ricardo Bielschowsky¹⁰ e Guido Mantega¹¹ não chegam a tratar dessa nova fase das ideias sobre o caráter da expansão capitalista no país. Bielschowsky se detém no “*ciclo ideológico do desenvolvimentismo*”, que vai de 1930 a 1964, dedicando seu paciente trabalho a reconstituir o contexto que deu origem ao *ciclo*¹² e as ideias dos principais autores das correntes que compartilham o *desenvolvimentismo* como base teórica¹³. Já Mantega, que também se ocupa na primeira parte de seu livro a reconstituir o contexto *nacional-desenvolvimentista*¹⁴, avança através dos modelos explicativos até parte do pensamento marxista da década de 1960, embora se refira constantemente ao

⁸ Sobre esse ponto convém lembrar aqui duas notáveis análises, já clássicas, sobre o tema: GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1987; e RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

⁹ Dentro da tradição e da linhagem marxista, apesar das especificidades e diferenças entre os autores, em que se insere a obra de Oliveira, podemos destacar algumas tentativas anteriores ao ensaio, tais como, no âmbito das análises econômicas o artigo de SINGER, Paul. Ciclos de Conjuntura em Economias Subdesenvolvidas. *Revista Civilização Brasileira*, nº2, maio de 1965; CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*. São Paulo: Difel, 1964; CARDOSO, Fernando Henrique e FALLETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969; MARINI, Rui Mauro. *Contradições e Conflitos no Brasil Contemporâneo. Teoria e Prática*, nº3, abril de 1968. Na análise política podemos destacar: IANNI, Octávio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; e WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹⁰ BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo* (1930-1964). Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

¹¹ MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. São Paulo: Polis, 1984.

¹² BIELSCHOWSKY, op.cit, pp.247-429

¹³ Idem, pp.33-239

¹⁴ MANTEGA, op.cit, pp.23-76

que chama de “novo filão teórico” representado também por pensadores marxistas¹⁵. Até então, não há registros significativos de estudos que tenham por foco a vertente anti-dualista do pensamento brasileiro, particularmente em sua configuração em torno do pensamento econômico, tão bem expressa na obra de Francisco de Oliveira.¹⁶

Debates teóricos: campo intelectual e hipóteses

Francisco de Oliveira, na introdução à seu ensaio *Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista* coloca sua “dívida” para com o ambiente ou campo intelectual do qual participava:

“Este ensaio foi escrito como tentativa de resposta às indagações de caráter interdisciplinar que se formulam no CEBRAP acerca do processo de expansão socioeconômica do capitalismo no Brasil. Beneficia-se, dessa maneira, do peculiar clima de discussão intelectual que é apanágio do CEBRAP, a cujo corpo de pesquisadores pertence o autor. O autor agradece as críticas e as sugestões dos seus colegas, particularmente a José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Paul Singer, Francisco Weffort, Juarez Brandão Lopes, Boris Fausto, Fábio Munhoz e Regis Andrade, assim como a Caio Prado Jr. e Gabriel Bolaffi, que participaram

¹⁵ “Em frontal oposição a essas teses catastrofistas e estagnacionistas surge, na segunda metade dos anos 60, um novo filão teórico no pensamento brasileiro e latino-americano, sustentando a possibilidade de um desenvolvimento capitalista nesses países, que não seria evidentemente, autônomo e nacional”, mas sim dependente e associado ao capital estrangeiro. Nesses termos, a “teoria da dependência”, como ficou conhecida essa nova vertente teórica, lançava as bases para um salto qualitativo do pensamento econômico brasileiro, que iria se consolidar a partir da década de 70 pelos trabalhos de Francisco de Oliveira, Paul Singer, Maria da Conceição Tavares e muitos outros. Ainda antes de começar o “milagre econômico”, os principais teóricos da dependência renunciavam a possibilidade de um novo ciclo expansivo da acumulação de capital no Brasil, a partir de uma análise que privilegiava os condicionantes internos da dinâmica social, vale dizer, os interesses e a luta entre as principais classes constitutivas dessas sociedades, conforme assinalava o trabalho pioneiro de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, escrito em 1967.” Idem, p.16

¹⁶ Recentemente o Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA-UFRJ) do Instituto de Economia da UFRJ empreendeu uma substancial pesquisa sobre os rumos do pensamento econômico brasileiro para além das análises presentes nos livros de Mantega e Bielschowsky, tanto no que diz respeito ao método empregado na análise e pesquisa quanto nos temas, aspectos e recortes abordados. O resultado pode ser conferido no livro *Ecos do Desenvolvimento* (IPEA/UFRJ, 2010), coordenado pela prof^a Maria Malta. Contudo, o livro, ainda que conte com importantes análises sobre Celso Furtado e sobre a discussão sobre o padrão de acumulação da economia brasileira sob o ponto de vista cepalino (a partir da chamada “Escola de Campinas”), que nos interessam diretamente para a pesquisa, os textos que tratam do tema “pensamento econômico brasileiro e revolução” não enfocam diretamente a obra de Chico de Oliveira, dando um merecido destaque ao desenvolvimento do termo “capitalismo dependente” na obra de Florestan Fernandes.

de seminários sobre o texto. Evidentemente, a nenhum deles pode ser imputada qualquer falha ou erro deste documento.” (OLIVEIRA, 2003:27)

Da mesma forma, o também marxista e integrante do CEBRAP, Paul Singer em livro de 1975 (SINGER, 1975) reunindo ensaios escritos entre a metade dos anos 1960 e a primeira metade dos anos 1970 também colocou, de forma semelhante, sua gratidão para com os companheiros e amigos do centro de pesquisa:

“Praticamente todos os trabalhos aqui reunidos foram elaborados no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, tendo grande parte deles sido discutida lá. A contribuição da crítica dos companheiros de trabalho para a evolução do meu pensamento tem sido inestimável e a gratidão que aqui manifesto é muito mais que um gesto formal. Talvez deva aproveitar o ensejo para informar que o CEBRAP é uma instituição única, onde a liberdade de crítica, a independência de julgamento e não obstante, a solidariedade atingiram a um tal grau que nenhum dos seus componentes pensa abrir mão de seu lugar nele, mesmo em troca de posições de muito maior prestígio e poder. Embora estas condições tenham um custo nada pequeno, o ambiente de trabalho que assim se criou compensa-o plenamente.” (SINGER, 1975:11)

As duas citações nos ideia do clima de solidariedade e parceria intelectual que prevalecia no CEBRAP. As discussões coletivas tinham a característica, segundo esses depoimentos, de ser extremamente frutíferas, possibilitando assim um extremado grau de diálogo entre os trabalhos e as orientações teóricas que o centro de pesquisa abrigava. Tanto Oliveira quanto Singer são marxistas, e, nesse diapasão, compartilhavam praticamente as mesmas posições políticas e o estudo dos mesmos temas: a expansão capitalista no Brasil através do desenvolvimento de um “modo endógeno de acumulação”. Cabe lembrar que Singer foi pioneiro no combate às teses dualistas do “Modelo de Substituição de Importações” com a publicação em 1965 do artigo “Ciclos de Conjuntura em Economias Subdesenvolvidas” (SINGER, 1965), avançando assim – tal como Oliveira faria em 1972 em seu ensaio – na compreensão das raízes da crise de 1964.

Apesar disso, e de Singer ter participado do Seminário Marx, sua análise econômica do ciclo monopolista recessivo dos anos 1960 não representou a estréia da dialética oriunda do seminário – consubstanciada no texto escrito por Giannotti, “Notas

metodológicas para um análise de *O Capital*” - na interpretação do Brasil. Segundo Paulo Arantes:

“Pode-se dizer que coube a Fernando Henrique Cardoso – exatamente um ano depois – dar sequência às notas teóricas de Giannotti. Refiro-me à digressão metodológica que precede *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*, possivelmente o primeiro capítulo do marxismo ocidental uspiano. Sem muito exagero, ela não seria o que é – documento histórico de uma estréia, no caso, do método dialético na interpretação sociológica – sem a contribuição da leitura filosófica de *O Capital* promovida por Giannotti.”¹⁷ (ARANTES, 2007:178-179)

Fernando Henrique Cardoso – também membro do CEBRAP - avançara ao longo de sua trajetória intelectual no sentido utilizar o arsenal aprendido no Seminário Marx para desmistificar as posturas dualistas presentes na maioria das análises que a esquerda brasileira realizava então sobre a realidade nacional. Outro exemplo disso é seu livro *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*, em que mostra, apoiado em sólida pesquisa empírica, que o empresariado nacional não tinha nada de nacionalista e que sua posição em uma sociedade periférica não implicava que sua “ação racional” fosse uma repetição da ação empresarial nos países de capitalismo central: as condições de acumulação na periferia requeriam outras formas de pensamento e ação, dentre as quais a postura nacionalista em suposto oposição ao imperialismo não passava de uma quimera.

Tais posições levaram Cardoso a desenvolver outros estudos que esclarecessem melhor essas posições, e foi por aí, ainda sob o impacto do Golpe de 1964 e das teses estagnacionistas, que em 1967, no Chile, em conjunto com o sociólogo Enzo Falletto, escreveu o livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, em que procurava consolidar seu ponto de vista com base no conceito de *dependência*.

Na obra, Cardoso e Falletto se esforçam em mostrar a insuficiência do ponto de vista cepalino e das análises que tem por foco uma análise puramente econômica do processo de desenvolvimento, não levando em conta as relações e múltiplas mediações que determinam em processo as possibilidades das sociedades ditas “subdesenvolvidas” da América Latina. O desenvolvimento deveria ser encarado enquanto “processo social”

¹⁷ ARANTES, 2007, pp.178-179

numa “análise integrada”, mostrando assim a “trama de relações sociais subjacentes” (CARDOSO e FALLETO, 1970:16).

O alvo de Cardoso e Falleto está na crítica da ideia de um desenvolvimento auto sustentado “nacional” que se oponha frontalmente aos interesses externos, haja vista que o sistema capitalista é um sistema internacional e os membros do sistema se relacionam de diversas maneiras, não necessariamente se opondo, mas também estabelecendo relações de *dependência*. Os cepalinos, grosso modo, tinham a ideia de que a implantação do setor de bens de produção nos países da América Latina, por si só, romperia o tipo de relação subordinada que os países do continente mantinham com o centro na época do “desenvolvimento para fora”, trazendo assim autonomia.

Ora, o que se viu, segundo os autores, foi o contrário: as contradições da industrialização “por substituição de importações” teve como saída para os impasses um extremado grau de internacionalização das economias nacionais, tal como ocorrera no Brasil nos anos 1950. Como se explicar esse processo?

Os autores colocam que, historicamente a vinculação da periferia com centro pela via do sistema capitalista internacional estabeleceu graus variados de (inter)dependência que variavam conforme o andamento das situações específicas. No caso latino-americano, a passagem para a constituição de estados-nação independentes introduziu uma modificação fundamental: ao mesmo tempo que as classes dominantes locais guardavam certo grau de autonomia, sua vinculação ao mercado internacional a mantinha estreitamente ligada ao imperialismo, fazendo com que, em última análise, sua reprodução – e de suas estruturas econômicas e políticas de dominação – se dêem em última análise em sincronia com o “imperialismo”. É a isso que os autores chamaram de “ambigüidade” da dependência (CARDOSO e FALLETO, 1970:30), que caberia à análise integrada (alter ego de um *tipo de análise dialética?*) esclarecer.

Na passagem da fase do “desenvolvimento para fora” para a fase do “desenvolvimento para dentro”, os países periféricos lograram algumas margens maiores de autonomia, o que fez com que tal passagem pudesse se processar através do avanço da industrialização e do foco no setor de bens de produção. Entretanto, as mudanças nas condições internacionais, somadas às dificuldades internas favoreceram a um reaproximação da periferia com o centro no sentido da “internacionalização do

mercado”, transformando assim o “caráter da dependência” (CARDOSO e FALLETO, 1970:114-138).

Entretanto, mesmo assim, depois dessa exposição resumida de uma das obras antidualistas, uma questão permanece em aberto: quem tem preponderância: as relações externas ou as relações internas. Cremos ser por esse motivo que Mantega coloca que a análise de Cardoso “*não chega a desembocar num modelo endógeno de acumulação, mas tem o mérito principal de desenvolver uma análise materialista e dialética, salientando os conflitos sociais e políticos, colocados na raiz dos problemas econômicos*”. (MANTEGA, 1984:121)

Talvez esse tenha sido o motivo principal que tenha levado Francisco de Oliveira a eleger como interlocutor privilegiado de sua obra Fernando Henrique Cardoso, e não Paul Singer¹⁸, com quem guardava mais afinidades políticas e intelectuais¹⁹. Oliveira coloca o problema claramente da seguinte forma:

“Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto elaboram uma teoria da dependência cuja postulação essencial reside no reconhecimento de que a própria *ambigüidade* confere especificidade ao subdesenvolvimento, sendo a “dependência” a forma em que os interesses internos se articulam com o resto do sistema capitalista. Afastaram-se, assim, do esquema cepalino, que vê nas relações externas apenas *oposição a supostos interesses nacionais globais*, para reconhecerem que, antes de uma *oposição global*, a “dependência” articula interesses de

¹⁸ Em entrevista concedida em setembro de 1997 e que integra a coletânea *Conversas com Economistas Brasileiros II*, Paul Singer, quando perguntado se havia diferenças teóricas com Oliveira, ilustra de forma clara a relação que seus trabalhos tinham, embora corressem paralelamente e não trabalhassem em textos “conjuntos”: “Olha, não saberia dizer. Claro! Havia divergências. Enfim, divergências que há entre quaisquer pessoas que tem cabeças próprias. Me lembro que os trabalhos que produzíamos eram, muitas vezes, paralelos. Sobretudo em 72, quando o Chico escreveu *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*, que é um trabalho realmente importante. Eu escrevi *A Crítica do Milagre*, que para mim também foi importante. (...) Claro que se referem à mesma realidade, mas são muito diferentes. Tem a ver com a história do Chico, que dada a sua formação de Economia muito ligada ao pensamento da CEPAL, aproveitou o ensejo para fazer exatamente a crítica ao pensamento da CEPAL(...)” MANTEGA e REGO, 1999, p.74.

¹⁹ Chico de Oliveira, em entrevista que consta do mesmo *Conversas com Economistas Brasileiros II*, nos informa: “O meu próprio texto foi uma discussão com o Fernando Henrique Cardoso. Eu e o Paul Singer fizemos dois textos que se transformaram no *Crítica à Razão Dualista* e *O Milagre Brasileiro* do Paul. Na verdade foram duas respostas a um artigo do Fernando Henrique (...) sobre 64 que está publicado numa das primeiras revistas do CEBRAP e que chamava 64 de ‘revolução burguesa’. Nós nos insurgimos contra a interpretação daquilo como ‘revolução burguesa’”. MANTEGA e REGO, 1999, p.103. O texto de Fernando Henrique Cardoso em questão chama-se “O modelo político brasileiro”, incluído como capítulo de livro com o mesmo título, que reúne em coletânea outros artigos do autor: CARDOSO, Fernando Henrique. *O modelo político brasileiro*. In: _____. *O Modelo Político Brasileiro e outros ensaios*. São Paulo: Difel, 1979.

determinadas classes e grupos sociais *fora* da América Latina. A hegemonia aparece como o resultado da linha comum de interesses *determinada* pela divisão internacional do trabalho, na escala do mundo capitalista. Essa formulação é, a meu ver, muito mais correta que a da tradição cepalina, **embora ainda não dê o devido peso à possibilidade teórica e empírica de que se expanda o capitalismo em países como o Brasil ainda quando seja desfavorável a divisão internacional do trabalho do sistema capitalista como um todo. A meu ver, a expansão do capitalismo no Brasil, depois de 1930, ilustra precisamente esse caso.** (OLIVEIRA, 2003:33 - Grifo nosso – NSF)

Tendo em vista tais elementos podemos notar diferenças significativas na abordagem dialética de Oliveira e de Cardoso. Ambos concordam quanto às críticas à suposta estagnação para a qual caminharia a passos largos a economia brasileira, mas discordavam quanto aos aspectos gerais da expansão capitalista na superação do dualismo, notadamente na tentativa de colocar em termos justos a relação entre o interno e o externo. Ainda para Oliveira, criticando o dual-estruturalismo:

“Ao enfatizar o aspecto da dependência – a conhecida relação centro-periferia -, os teóricos do “modo de produção subdesenvolvido” quase deixaram de tratar os aspectos internos das estruturas de dominação que conformam as estruturas de acumulação próprias de países como o Brasil: toda a questão do desenvolvimento foi vista do ângulo das relações externas, e o problema transformou-se assim em uma oposição entre nações, passando despercebido o fato de que, antes de uma oposição entre nações, o desenvolvimento ou o crescimento é um problema que diz respeito à oposição entre classes sociais internas. O conjunto da teorização sobre o “modo de produção subdesenvolvido” continua a não responder quem tem a predominância: se são leis internas de articulação que geram o “todo” ou se são as leis de ligação com o resto do sistema que comandam a estrutura de relações.” (OLIVEIRA, 2003:33)

Para Oliveira, o processo de expansão capitalista no Brasil repousou fundamentalmente nas ações das forças e classes sociais internas em luta na defesa de seus interesses e na sua reprodução. É evidente que o Brasil, por estar inserido no sistema capitalista internacional, mantém relações com ele, mas as formas específicas de articulação interna dessas mesmas relações vão além da *ambigüidade* colocada por Cardoso e Falleto. A força da acumulação capitalista brasileira esteve em suas “especificidades particulares” de extrair do “atraso”, a partir de articulações internas, o

dinamismo de seu processo de acumulação. O processo de acumulação no Brasil pós-1930, portanto, ilustra um caso em que o movimento ocorrera na maior parte do tempo em *assincronia* com o movimento da dependência internacional. Oliveira resume assim sua posição quanto a essa discordância para com a dependência:

“Aqui se perfila um ponto essencial da tese: o de que, tomando como um *dado* a inserção e a filiação da economia brasileira ao sistema capitalista, sua transformação estrutural, nos moldes do processo pós-anos 1930, passa a ser, predominantemente, uma possibilidade definida *dentro dela mesma*; isto é, as relações de produção vigentes continham em si a possibilidade de reestruturação global do sistema, aprofundando a estruturação capitalista, *ainda quando o esquema da divisão internacional do trabalho* no próprio sistema capitalista mundial *fosse adverso*. Nisso reside uma diferenciação básica da tese da dependência, que somente vê essa possibilidade *quando há sincronia* entre os movimentos interno e externo.” (OLIVEIRA, 2003:62)

De modo geral, podemos identificar a dificuldade da passagem a outro estado de coisas a partir da *dependência*, quase sem possibilidades de superação de tal condição, o que faz com que a ela só consiga “dizer a si mesma”. Ainda de acordo com a análise radicalizada de Pato sobre Cardoso:

A *dependência* inaugura assim uma nova *praxis*: a *práxis conservadora*, pois não pode ser outro o sentido de um processo de transformação onde a negação acaba por ser, em lugar de sua passagem num outro, a reposição – quando não radicalização – de si mesmo. E, assim, a síntese nunca se cumpre, pois não há ao que se opor. Ei-la, portanto, a *dependência*; já não mais como quadro explicativo mas como sintoma, como a forma própria do capital na periferia do sistema. (PATO, 2005)

Por esses motivos, talvez possamos inferir que as lacunas ou horizontes possíveis na análise de Cardoso podem ser explicados em grande parte pelas insuficiências da análise filosófica de Giannotti, mais preocupada, como vimos, com a armação conceitual do que com as “formas reais”, estas sim, passíveis de superação prática pela ação humana.

A obra de Francisco de Oliveira, nesse sentido, pode apresentar-se como um contraponto. Sua leitura dialética do processo de expansão capitalista no Brasil, em

nosso entender, contém dentro de si a possibilidade de superação das condições descritas através do bom manejo das distinções dialéticas “posição” e “pressuposição”, patentemente demonstradas quando o autor estabelece que o elemento motor das mudanças não está no relacionamento ambíguo com o exterior em articulação com as condições internas, e sim no peso preponderante das relações internas nas reestruturações e passagens de ciclos e modos de acumulação, o que abre a passagem para que o próprio modo de produção seja superado. Senão, vejamos um trecho que ilustra bem o caso:

“A superação dessas contradições não é um processo que possa ocorrer espontaneamente, nem os deserdados do sistema podem sequer pensar que uma reconversão da economia brasileira a um padrão menos desigualitário é uma operação de pura política econômica. No estágio atual, nenhuma das duas partes pode abrir mão de suas próprias perspectivas. Nem à burguesia se pode pedir que abra mão da perspectiva da acumulação, que é própria dela, nem às classes trabalhadoras se pode pedir que incorpore a perspectiva da acumulação que lhe é estranha. Essa situação conduz, inevitavelmente, as contradições da infra-estrutura a uma posição de comando da vida política do país: a luta pelo acesso aos ganhos de produtividade por parte das classes menos privilegiadas transforma-se necessariamente em contestação ao regime, e necessariamente em repressão. (...) Nenhum determinismo ideológico pode aventurar-se a prever o futuro, mas parece muito evidente que este está marcado pelos signos opostos do *apatheid* ou da revolução social.” (OLIVEIRA, 2003:119)

O ensaio *Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista* - e toda a obra de Chico e Oliveira, especialmente até os anos 1980 - pode ser considerado um marco em dois sentidos especialmente: entre as análises do pensamento econômico brasileiro sobre a expansão plena das relações capitalistas no Brasil, em geral, e entre as interpretações marxistas do mesmo processo, em particular. A derrota das esquerdas em 1964, o esgotamento do “ciclo ideológico do desenvolvimentismo”, a insuficiência do modelo de “substituição de importações” para explicar a dinâmica da economia e da sociedade brasileiras exigiam um duro acerto de contas com a perspectiva teórica que hegemonizou a esquerda brasileira e seus principais representantes e organizações durante o período “populista” (1930-1964)²⁰.

²⁰ “Há, entretanto, uma unidade que se persegue obsessivamente: a de buscar entender a especificidade do capitalismo no Brasil (...). Essa especificidade não é a negação de que o sistema sócio-econômico-político

Chico de Oliveira ao entrar em contato com a intelectualidade uspiana então instalada no CEBRAP, teve a oportunidade de refinar seu senso crítico e seu “sentimento da dialética” estudando Marx e o marxismo intensivamente com a colaboração de grandes figuras do marxismo brasileiro oriundos do Seminário Marx. Para ilustrar, citamos um trecho do prefácio que Roberto Schwarz escreveu à reedição da *Crítica à Razão Dualista* juntamente com o ensaio “O ornitorrinco” em 2003:

“No plano teórico, a “Crítica” aderira à apropriação não-dogmática do marxismo que estivera em curso na Universidade de São Paulo desde antes de 1964 e que vinha adquirindo relevância política no CEBRAP, onde se refugiou durante os anos de chumbo. Política, economia e classes sociais deveriam ser analisadas articuladamente, ao contrário do que pensavam os especialistas em cada uma dessas disciplinas.”²¹

Pretendemos destacar as características distintivas de sua obra enquanto acerto de contas pessoal e político com sua perspectiva anterior e procurar indicar a maneira como a dialética se manifesta na obra, ou seja, mostrar a *dialética em ato*²².

Nossa hipótese principal é de que o encontro de Chico de Oliveira com o CEBRAP e com a leitura do marxismo que realizaram os acadêmicos paulistas, somada à sua anterior experiência no Nordeste e na Sudene, ainda sob influência do “ciclo ideológico do desenvolvimentismo” e das esperanças de emancipação e formação de um

aqui existente seja capitalista; ao contrário, nos termos de Marx, busca-se através da *negação da negação*, encontrar o concreto do capitalismo aqui e agora. De nada nos serve simplesmente reconhecer que o Brasil, enquanto espaço social de produção, é uma criação do capitalismo e, portanto, seria capitalista desde então; como também de nada nos serve, a partir dessa generalidade, descrever o que aqui ocorre como simples reafirmações do que é peculiar ao sistema capitalista. ‘O capital’, adverte Marx, ‘não é apenas uma relação social: ele é também e essencialmente *um movimento, uma reprodução*’. E a pesquisa que se requer é essencialmente a das leis que presidem, que fazem esse movimento, pois é somente pela pesquisa do movimento que se pode desvendar a especificidade da reprodução.” OLIVEIRA, 1977, pp.1-2. Tal citação resume bem a concepção de marxismo que Oliveira tem e que permeia todo seu programa de pesquisas, desde a crítica ao dualismo, passando pela “questão regional”, até a reflexão sobre o “antivalor” já nos anos 1980 (período que escolhemos como recorte de nossa pesquisa)

²¹ SCHWARZ, Roberto. Prefácio com perguntas. In: OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003

²² Não seria demais lembrar aqui as palavras de Paulo Arantes: “Segundo uma autoridade no assunto, dialética é dessas palavras cujo emprego demanda toda uma política. Por isso costuma recomendar o seguinte modo de usar: em matéria de dialética, melhor praticá-la do que anunciá-la; mencioná-la, ainda que a propósito, é o meio mais seguro de conquistar aliados e fazer adversários sem que o assunto em pauta venha para o primeiro plano da análise e o acordo se faça em função do conteúdo exposto, e não das convicções anteriores.” ARANTES, 1992, p.10.

capitalismo em bases nacionais criada no período chamado “populista” – em que pôde observar de perto a existência e o funcionamento daquilo que os clássicos do pensamento dualista, então hegemônico na esquerda brasileira, chamavam de “arcaico” e “moderno” - fora de fundamental importância para a constituição de sua obra a partir dos anos 1970, bem como para o estabelecimento do debate sobre a constituição de um modo endógeno de acumulação diferente daquele proposto pelas chamadas “Teorias da Dependência”²³ e das outras interpretações marxistas produzidas no mesmo período (todas um acerto de contas com a perspectiva desenvolvimentista). Dessa forma, teria dado uma contribuição importante ao pensamento marxista na medida em que teria especificado as formas concretas e específicas de objetivação do capitalismo na periferia no sistema – importante lacuna na teoria da acumulação de capital elaborada pelo próprio Marx.

Por isso nosso recorte está compreendido entre 1964, quando do Golpe e da publicação de um artigo intitulado “O Plano de Ação Econômica do Governo do Governo Castello Branco: porque não terá êxito”²⁴, publicado na revista *Civilização Brasileira* e que ainda confiava no diagnóstico da estagnação (certamente sob a influência da perspectiva teórica desenvolvimentista) e 1985, quando da conclusão de seu ensaio sobre o “antivalor”, resultado de uma pesquisa financiada pelo CNPq e realizada na França, período que marca a passagem para e a paulatina consolidação de uma obra apoiada no marxismo.

Numa primeira aproximação a um esquema interpretativo que busca demarcar a especificidade do capitalismo brasileiro, propomos o seguinte caminho de desenvolvimento de suas ideias:

1. Região (“Periferia da Periferia”): expressa na obra “Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, conflito de classe e planejamento no Nordeste”

²³ Nesse caso específico a expressão refere-se à versão produzida por Fernando Henrique Cardoso, e por isso, abstém-se de entrar na polêmica sobre qual seria a verdadeira “teoria da dependência”: a primeira ou a de Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Andre Gunder Frank, etc, ainda que reconheça a importância de tal debate.

²⁴ OLIVEIRA, Francisco de. O Plano de Ação Econômica do Governo Castello Branco: porque não terá êxito”. *Revista Civilização Brasileira*, nº1, pp.114-128.

2. Nação (Periferia do Capitalismo): reflexão que resultou na “Crítica à Razão Dualista” e nos ensaios do livro “A Economia da Dependência (Im)perfeita”
3. Mundo (Centro do sistema): no ensaio intitulado “O Surgimento do Antivalor”, nosso autor empreende uma busca dos fundamentos daquilo que resultara no padrão “fordista-keynesiano” de regulação do capitalismo nos países centrais. Embora esse período não esteja relacionado diretamente com o escopo da pesquisa, ainda assim nos parece interessante levar em conta seus resultados tendo em vista o nexos que pode ser feito entre as mudanças no capitalismo central (a entrada em cena do neoliberalismo já no final dos anos 1970 e as mudanças então em curso no próprio modo de produção capitalista) e seu impacto sobre o caráter do nosso capitalismo periférico.

Aspectos metodológicos e conclusões provisórias

Para o marxismo, a história das ideias não pode se restringir a análise lógica e epistemológica, sendo essencial o estabelecimento do vínculo entre esse primeiro aspecto e as condições históricas e sociais de produção dessas ideias. A dialética materialista diferencia-se dos discursos do entendimento justamente por ser uma lógica que é também uma ontologia: as categorias lógicas são também categorias históricas, postas em movimento no real a partir da práxis, da ação humana no chão da história²⁵. O melhor exemplo que temos é o do próprio Marx: na *Ideologia Alemã*, procurou mostrar como o discurso dos jovens hegelianos constituía ideologia justamente por não levar em conta a relação da produção das ideias com o contexto histórico específico alemão, não conseguindo assim lograr ultrapassar o idealismo hegeliano e as sobras do seu sistema filosófico; nos *Grundrisse* e em *O Capital* procurou realizar sua “crítica da economia política”, ou seja, reconstituir o processo-sujeito que é o capital a partir de seu movimento lógico e histórico, objetivado a partir das práticas sociais em sua totalidade, movida por contradições inerentes à própria condição dessa prática, ao mesmo tempo

²⁵ Sobre esse intrincado ponto, conferir: BENOIT, Hector. Da lógica com um grande “L” à lógica de *O Capital*. In. BOITO Jr., Armando e TOLEDO, Caio Navarro de. *Marxismo e Ciências Humanas*. São Paulo: Xamã, 2003; FAUSTO, Ruy. *Marx: lógica e política*. Tomo I. São Paulo: Brasilense, 1983; FAUSTO, Ruy. *Marx: lógica e política*. Tomo II. São Paulo: Brasilense, 1987; RANIERI, Jesus. *Trabalho e Dialética*. São Paulo: Boitempo, 2011.

em que realizava a crítica das contradições da economia política clássica ao desmontar seus pressupostos a partir da demonstração da historicidade das categorias que os clássicos tratavam como entes naturais e eternos²⁶.

Do mesmo modo, o historiador Fernando Novais, ao tratar das diferenças entre “História Econômica” e “Interpretação Econômica da História” (NOVAIS e SILVA, 2011:7-70), busca demarcar a diferença entre o modo de trabalhar da História e das demais ciências sociais: enquanto estas escolhem uma esfera da existência sobre a qual teorizar e utilizam-se da reconstituição como um meio para a explicação, aquela tem a síntese totalizante como fim, e a explicação como meio. Por isso, a história econômica feita por historiadores seria mais abrangente do que a interpretação econômica da história feita por economistas, haja vista que essa não tem a pretensão (e talvez mesmo nem poderia ter, dado seus limites lógicos e históricos) de teorizar sobre todas as esferas da existência tal como a história (ainda quanto esta escolha níveis de realidade distintos a serem privilegiados na análise). Levando a discussão para o âmbito do marxismo, que mencionamos acima, a história econômica teria um potencial explicativo muito maior a respeito dos processos históricos do que a modelagem tentada pela interpretação econômica da história e do que a própria economia política, por mais que se possa reconhecer os ricos resultados a que puderam chegar.

Dessa forma, servimo-nos de seus desenvolvimentos para levar a cabo a presente pesquisa. Em nosso entender, Chico de Oliveira seria um legítimo representante da melhor tradição do marxismo, em conjunto com os elementos já citados, porque sua obra não é “interpretação econômica da história”, nem apenas “economia política”: ela é marxista porque maneja bem a dialética realizando ao mesmo tempo a apresentação e a crítica do pensamento da Cepal e do processo de expansão capitalista no Brasil em seu movimento contraditório (*Crítica à Razão Dualista*), criticando as teorias do planejamento e a economia do desenvolvimento em nível regional ao mesmo tempo em que explicita o processo histórico social de desenvolvimento da região Nordeste (*Elegia para uma Re(li)gião*), buscando compreender o papel do estado no processo de acumulação de capital no Brasil

²⁶ Cf. BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *Valor e Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980; GRESPLAN, Jorge. *O Negativo do Capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2012; ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de O Capital*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

(*Economia da Dependência Imperfeita*) e no centro do sistema (*Os direitos do antivalor*), aproximando-se mais de uma história econômica marxista no sentido acima colocado, do que da economia política que outros, ainda que marxistas procuravam fazer no mesmo período para entender os mesmos processos.²⁷

Assim sendo, tal como os estudos marxistas sobre Marx mostraram que o marxismo pode ser aplicado a si mesmo, na mesma linha pretende-se realizar um estudo marxista sobre o marxista Francisco de Oliveira, utilizando-se dos mesmos procedimentos que fizeram de sua obra um significativo exemplo de marxismo crítico.

Para tanto pretendemos nos valer como fontes de entrevistas com membros do CEBRAP, entrevistas dadas pelo próprio Chico de Oliveira em que faz um balanço de sua trajetória, seus textos, artigos e livros publicados entre 1964 – ano que, com o Golpe, é expulso da SUDENE, onde trabalhava ao lado de Celso Furtado –, passando pela sua chegada a São Paulo, sua assimilação do marxismo – que pretendemos esclarecer melhor, e suas obras posteriores que nos ajudam a compreender a especificidade do capitalismo no Brasil (até os anos 1980).

A produção intelectual do autor não traduz apenas sua trajetória pessoal, mas também uma determinada “experiência intelectual”²⁸ como parte da atividade de

²⁷ “Não se encontrará neste trabalho uma teoria do planejamento, e não por desambição; ao contrário, a pretensão é sempre maior que a capacidade, assim como ao se tentar dar um passo mais largo que o permissível pelo arco da perna. A impossibilidade de uma teoria do planejamento reside essencialmente em que este – o planejamento – é uma forma: aqui, parece encontrar-se uma contradição radical, pois precisamente os esforços de teorização fazem-se, na maior parte dos casos, sobre as formas que os processos sociais assumem; e a contradição é real, pois as teorizações sobre o planejamento trabalham uma forma sem tentar realizar ou entender sua concreção: advém disto que quase tudo que se escreveu sobre planejamento termina por desembocar em ‘modelos’, que se pretendem de generalizada aplicabilidade. A postura teórica e metodológica deste trabalho recusa os modelos por entender (...).” OLIVEIRA, A Noiva da Revolução / Elegia para uma Re(li)gião. São Paulo: Boitempo, 2008. p.128

²⁸ O nexos entre formas lógicas e formas históricas, ou, dito de outro modo, a apreensão dialética dos processos sociais e históricos e suas contradições reais postas pela práxis, ou ainda, entre formas de pensamento adequadas a um determinado processo social fora tratado para determinar a origem da dialética moderna em ARANTES, Paulo. Ressentimento da Dialética. Dialética e Experiência Intelectual em Hegel. Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. O mesmo autor tratou do tema, agora para o caso brasileiro, em ARANTES, Paulo. Sentimento da Dialética. Dialética e Dualidade em Antonio Cândido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993; e ainda em ARANTES, Paulo e ARANTES, Otília. *O Sentido da Formação*. Três estudos sobre Antonio Cândido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Os estudos de Paulo Arantes vão ao sentido de apreender a maneira como a experiência intelectual vivida por determinados grupos, em condições de formações sociais capitalistas atrasadas, ou ainda, que mostram na periferia do sistema as características do “desenvolvimento desigual e combinado”, ao desvendarem tal situação desvendam o próprio caráter do sistema (seja na Alemanha pré-unificação, seja no Brasil). A maior influência aqui vem do clássico estudo de Roberto Schwarz, “As ideias fora do lugar”, que também

apreensão da totalidade histórico -social em busca de uma melhor “representação” do real. A experiência oriunda do Seminário Marx e do CEBRAP não pode ser encarada de forma monolítica, e o que pretendemos mostrar é como tal ambiente conseguiu produzir leituras diferentes sobre o processo de expansão capitalista no Brasil representada no exemplo da divergência Cardoso-Oliveira que detectamos e que pretendemos explorar enquanto formas diferentes de apropriação e leitura do marxismo, tal como nas outras interpretações marxistas do mesmo processo que estavam em andamento no mesmo momento, tais como: “A Crise do Milagre”, de Paul Singer; “Revolução Burguesa no Brasil”, de Florestan Fernandes; “Da substituição de importações ao capitalismo financeiro” e “Acumulação de capital e industrialização no Brasil”, de Maria da Conceição Tavares; e “O Capitalismo Tardio”, de João Manuel Cardoso de Mello. Obras que também pretendemos explorar na medida em que possam nos fornecer subsídios para demarcar as diferenças e os possíveis diálogos.

Bibliografia

Obras de Francisco de Oliveira:

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *A economia da dependência imperfeita*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *A noiva da revolução / Elegia para uma Re(li)gião*. São Paulo: Boitempo, 2008

_____. *A navegação venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *O Elo Perdido. Classe e identidade de classe na Bahia*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

tentava desvendar o caráter do desenvolvimento desigual e combinado no Brasil ao estudar os nexos entre as formas de pensamento e os processos sociais. Em paralelo a Schwarz, Francisco de Oliveira tentava à sua maneira dar uma contribuição para o mesmo tema fazendo a crítica da economia política da Cepal, e portanto do dualismo, bem como enfatizando o caráter desigual e combinado do capitalismo no Brasil, a relação entre arcaico e moderno não como oposição formal, mas como integração-contradição dialética.

_____. *Os direitos do antivalor*. A economia política da hegemonia imperfeita. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O Plano de Ação Econômica do Governo Castelo Branco: porque não terá êxito”. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, nº1, 1965, pp.114-128.

_____. Condições institucionais do planejamento. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, nº 5-6, 1966, pp.39-47.

Outras obras

ARANTES, Paulo Eduardo. Origens do marxismo filosófico no Brasil: José Arthur Giannotti nos anos 1960. In: MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil* v.2. Os influxos teóricos. Campinas: Ed.Unicamp, 2007. pp.127-186

_____. *Ressentimento da Dialética*. Dialética e Experiência Intelectual em Hegel. Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Sentimento da Dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BARREIROS, Daniel de Pinho. *Estabilidade e Crescimento*. A elite intelectual moderno-burguesa no ocaso do desenvolvimentismo (1960-1969). Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2006.

BELLO, Carlos Alberto . A originalidade da economia política de Francisco de Oliveira. *Pesquisa em Debate*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 67-78

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *Valor e Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENOIT, Hector. Da lógica com um grande “L” à lógica de *O Capital*. In: BOITO Jr., Armando e TOLEDO, Caio Navarro de. *Marxismo e Ciências Humanas*. São Paulo: Xamã, 2003.

BENSAÏD, Daniel. *Marx, o Intempestivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro*. O ciclo ideológico do desenvolvimentismo (1930-1964). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

CASTILHO, Eribelto Peres. *Formação Econômica do Brasil no pensamento de Francisco de Oliveira*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. PUC-SP: São Paulo, 2008

CARDOSO, Fernando Henrique e FALLETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*. São Paulo: Difel, 1964.

_____. *O Modelo Político Brasileiro e outros ensaios*. São Paulo: Difel, 1979.

DEMIER, Felipe. *Do movimento operário para a universidade: Leon Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro*. Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 2008.

FAUSTO, Ruy. *Marx: lógica e política*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Marx: lógica e política*. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.

FIORI, José Luis. *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *O Vôo da Coruja*. Uma leitura não liberal da crise do Estado Desenvolvimentista. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1995.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000. Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1987.

GRESPLAN, Jorge. *O Negativo do Capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

IANNI, Octávio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968

KAREPOVS, Dainis; MARQUES NETO, José Castilho e LÖWY, Michael. Trotsky e o Brasil. In: MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil*. v. 2. Os influxos teóricos. Campinas: Ed. Unicamp, 2007 pp.229-253.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

JINKINGS, Ivana; MAAR, Wolfgang Leo e RIDENTI, Marcelo. Entrevista com Francisco de Oliveira. *Margem Esquerda: ensaios marxistas*, São Paulo, Boitempo, nº10, novembro/2007, pp.13-37

LAHUERTA, Milton. Em busca da formação social brasileira: marxismo e vida acadêmica. *Perspectivas* (São Paulo), v. 28, p. 157-186

LAHUERTA, Milton. *Intelectuais e resistência democrática*. Artigo disponível em <http://www.acesa.com/gramsci/?id=23&page=visualizar>

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. *Outubro*, nº1, 1998, pp.73-74.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003

MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. São Paulo: Polis, 1984.

MANTEGA, Guido e REGO, José Márcio. Entrevista com Francisco de Oliveira. *Conversas com Economistas Brasileiros II*. São Paulo: Ed. 34, 1999, pp. 91-117.

MANTEGA, Guido. O marxismo na economia política brasileira. In: MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil*. v. 2. Os influxos teóricos. Campinas: Ed. Unicamp, 2007 pp.103-125.

MANTEGA, Guido e MORAES, Maria. *Acumulação Monopolista e Crises no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARINI, Rui Mauro. Contradições e Conflitos no Brasil Contemporâneo. *Teoria e Prática*, nº3, abril de 1968.

_____. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Subdesenvolvimento e Revolução*. Florianópolis: Insular, 2012.

MARTINS, Eder Luiz. *Marxismo e a Universidade no Brasil: Um estudo sobre o "Seminário Marx (1958-1964)"*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia, Unicamp, 2008

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MELO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MONTERO, Paula e MOURA, Flávio (orgs.). *Retrato de Grupo. 40 anos do Cebrap*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NOVAIS, Fernando Antonio e SILVA, Rogério Forastieri da. Introdução: para a historiografia da Nova História. In: NOVAIS, Fernando e SILVA, Rogério Forastieri da. *Nova História em Perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. pp. 7-70.

PATO, Christy Ganzert. Teoria da Dependência: a forma adequada do capital na periferia do sistema. In: X Encontro Nacional de Economia Política, 2005, Campinas. Anais do X Encontro Nacional de Economia Política. São Paulo : SEP, 2005.

RAGO FILHO, Antonio. A filosofia de José Arthur Giannotti: marxismo adstringido e analítica paulista. *Verinotio* (Belo Horizonte), v. 9, p. 107-133

RANIERI, Jesus. *Trabalho e Dialética*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PAULANI, Leda. *Modernidade e Discurso Econômico*. São Paulo: Boitempo, 2005.

RIZEK, Cibele e MELO, Wagner Romão de (orgs.). *Francisco de Oliveira: a tarefa da crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2006

RODRIGUES, Lidiane Soares. O Capital entre um mestre e um discípulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011;

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de O Capital*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SADER, Emir. Nós que amávamos tanto o Capital. *Praga*, São Paulo, 1996.

SANTOS, Theotônio. *Balanço da Teoria da Dependência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SERRA, José e TAVARES, Maria da Conceição. Além da estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente do Brasil. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinqüenta anos de pensamento da CEPAL*. v.2. Rio de Janeiro: Record, 2000. pp.589-608

SILVA, Luis Fernando da. *Pensamento Social Brasileiro*. Marxismo acadêmico entre 1960 e 1980. São Paulo: Corações e Mentes, 2003.

SINGER, Paul. *A Crise do Milagre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1975

_____. Ciclos de Conjuntura em Economias Subdesenvolvidas. *Revista Civilização Brasileira*, nº2, maio de 1965.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____. *Economia Política do Trabalho*. São Paulo: Difel, 1972.

SORJ, Bernardo. *A Construção Intelectual do Brasil Contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

_____. Um seminário de Marx. *Novos Estudos*, nº50. São Paulo: março, 1998.

TAVARES, Maria da Conceição. Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento da CEPAL*. v.1. Rio de Janeiro: Record, 2000. pp.217-237

_____. *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1986.

_____. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.

WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.